



As cidades e o meio ambiente

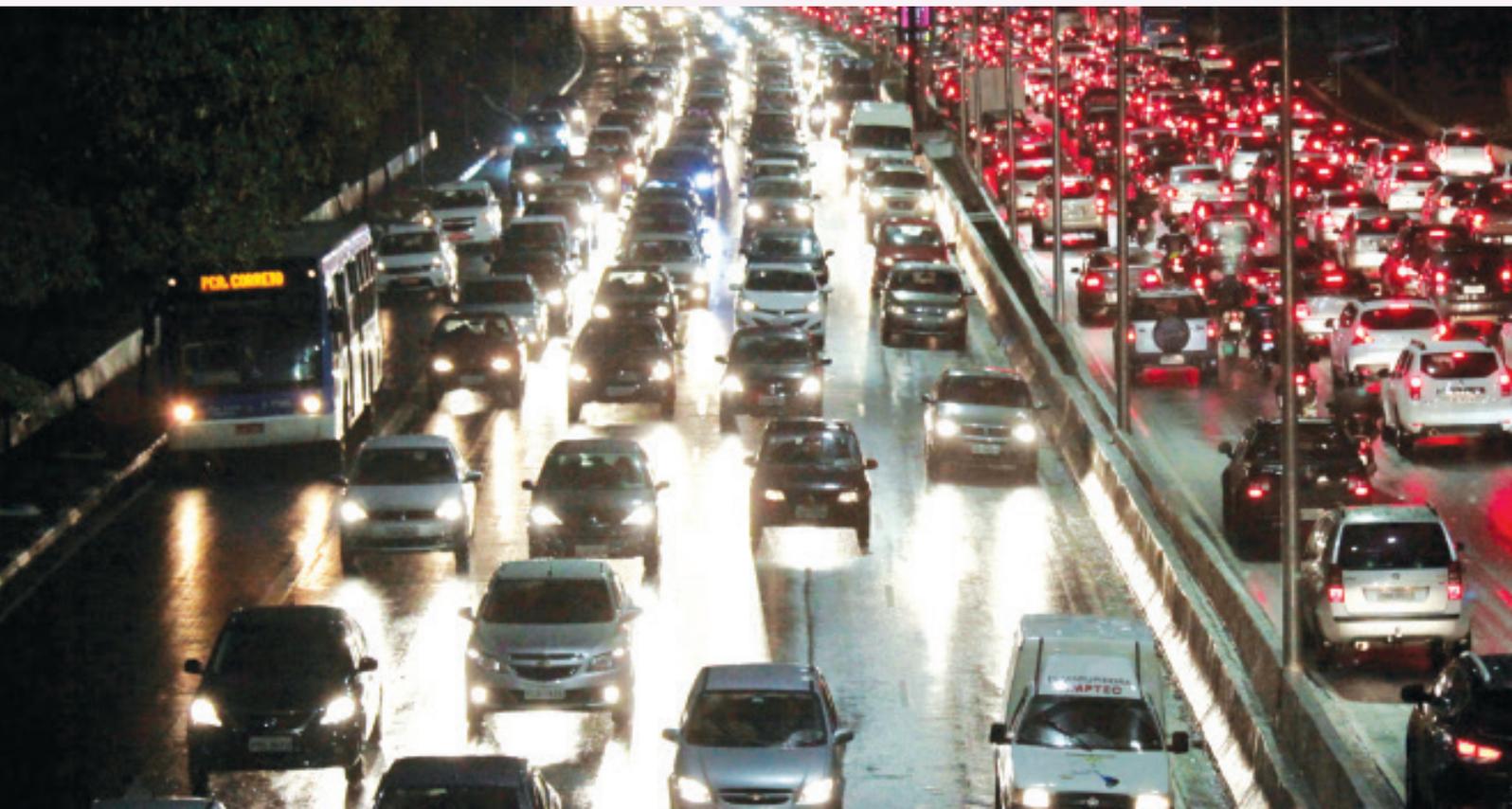
Deivson César S. Sales*

O desenvolvimento da área urbana criou uma distância considerável entre as cidades e o meio ambiente, não só pelo fato de ser observado hoje em dia que existem menos árvores e mais prédios nesses locais, mas porque esse contato diminuiu realmente. Quando as cidades surgiram, no sul da Mesopotâmia, elas eram aglomerações de pessoas em regiões com ampla oferta de água e alimentos, e, posteriormente, a essas condições se somaram também a presença do comércio, principalmente do artesanato.

A expansão comercial criou a migração dos habitantes de regiões agrícolas para esses locais que, visando abrigar

esse crescente montante de moradores, precisaram expandir-se. Essa expansão foi acompanhada do que hoje seriam caracterizados de “impactos ambientais”, tais como desmatamento, extinção de animais, entre outras coisas. A partir da Idade Média, as cidades cresceram e, com o tempo, sobretudo nos séculos melhoraram a vida de todos, tornaram-se organizadas, com água encanada, energia elétrica, prédios, asfalto e veículos, mas consequentemente com barulho, fumaça e muito calor.

Estamos nos acostumando com o barulho das cidades, mas ele é uma das consequências mais sérias e mais nocivas para a saúde humana. A maioria das pessoas hoje já



toma como referência para o início da manhã o horário em que as buzinas dos veículos começam. Esse desconforto sonoro se prolonga ao longo de todo o dia, com exposição excessiva aos ruídos sonoros provenientes do trabalho, música alta no uso dos fones de ouvido, propagandas das lojas, bares e casas noturnas, entre outras coisas. O zumbido no ouvido que se escuta até o descanso do sono e a dificuldade no diálogo com outras pessoas já indicam os sintomas de uma possível perda auditiva. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no Censo realizado em 2010, aproximadamente 9 milhões de brasileiros sofrem com algum tipo de problema auditivo, ou seja, um problema de saúde sério provocado pelo ruído alto indiscriminado.

Outros problemas como o aumento nos níveis de estresse e doenças como enfarte do miocárdio e úlceras estomacais também podem ser associados ao barulho das cidades. A principal forma de se reduzir o impacto da poluição sonora é o desenvolvimento de novas tecnologias de baixa emissão de ruídos e, principalmente, a educação ambiental.

Além da poluição sonora, as nossas cidades enfrentam hoje outro tipo de poluição, igualmente nociva à saúde do homem, que é a poluição do ar. As emissões de gases provenientes da queima dos combustíveis nos veículos

são também responsáveis pela formação das fumaças, ou seja, dos sólidos particulados em suspensão no ar, gerados na combustão incompleta desses combustíveis. Esses sólidos são causadores de problemas respiratórios sérios, pois agem diretamente sobre os alvéolos pulmonares dificultando a respiração.

De acordo com dados divulgados pelo Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), até agosto de 2014, um total de 84.892.511 veículos foram fabricados e emplacados no Brasil, promovendo dessa forma os impactos causados por essas emissões. Esses impactos poderiam ser reduzidos pelo desenvolvimento de tecnologias mais sustentáveis, como a produção de veículos movidos a energias que não são derivadas dos combustíveis fósseis, tais como a elétrica e o hidrogênio, bem como a utilização de meios de transportes públicos de qualidade.

Outro problema relacionado à expansão das cidades é a diminuição das áreas verdes em uma região. A quantidade de árvores observadas dentro das cidades é muito pequena, em proporções insuficientes para promover o bem-estar social. O concreto, em compensação, vem abrangendo uma área cada vez maior. Enquanto as árvores ajudam a promover a estética e o equilíbrio ambiental, o concreto promove aumento da temperatura, pois a luz solar que incide sobre ele aumenta sua temperatura e conseqüentemente a irradiação térmica, ocasionando uma onda de calor que é sentida ao longo do dia.

A grande quantidade de prédios nas cidades dificulta a propagação dos ventos, criando assim as chamadas “ilhas de calor”. Esse fenômeno, além de problemas de saúde, causa um maior consumo de energia elétrica nas residências para que seja garantido o conforto térmico. As ações mitigadoras nesse sentido devem prever medidas que incentivem a arquitetura e o planejamento sustentável das cidades para tornar a relação entre o meio ambiente e esses aglomerados urbanos mais adequada.

As cidades e o meio ambiente não são distintos, pois formam um mesmo sistema que trabalha em sinergia. O futuro de ambos depende do hoje, mantido pelas ações de cada cidadão que sabe usufruir de forma responsável do melhor que cada um tem a oferecer. ■



Foto: Oswaldo Cometti/Fotos Públicas

* Mestre e doutor em Engenharia Química pela UFPE e coordenador do curso de Engenharia Ambiental da Faculdade Asces